

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à brasileira**. Cinco histórias. SP: Contexto, 2015, 237p.

Da colônia à metrópole: vivências da prostituição brasileira no exterior

Danilo Wenseslau FERRARI*

“Todo autor costuma dizer que seu último livro é o mais importante”. Neste tom de despedida e confiança, José Carlos Sebe Bom Meihy apresenta sua nova obra, no vídeo de divulgação, produzido pela Editora Contexto.¹ Brasileiras e brasileiros que se prostituem no exterior, e seus relatos de vida, são os temas deste estudo, que se inscreve na bibliografia a respeito da história oral e da história da prostituição no mundo globalizado.

Em sua extensa carreira, José Carlos Sebe firmou-se como um dos precursores da história oral no Brasil, publicando livros e artigos a respeito desta prática historiográfica. Seu nome está associado à vertente da história oral “militante”, na qual os pesquisadores privilegiam os relatos em si, em vez das análises, objetivando “dar voz” aos grupos excluídos, para que reconstituam, eles próprios, sua história. A temática da prostituição e da identidade nacional, no mundo globalizado, também esteve no horizonte do autor, em outros estudos.

Neste livro, Sebe questiona certa aceitação social e romantização em torno do tema. Ideias que colocam a prostituição como “o mais antigo trabalho do mundo”, função “intrínseca e natural” ou “mal menor” reforçam expressões de poder, gênero, raça e classe social. Neste sentido, o autor mostra como a prostituição se tornou mercadoria nos tempos modernos, tendo como marco histórico a expansão ultramarina do século XVI, a partir da qual se dá o uso do corpo como fator capitalista de colonização, em feições universais. No atual mundo globalizado, o colono volta à metrópole, como indivíduo indesejado e novamente marginalizado.

O objetivo do autor é o de ir além dos estudos estatísticos e legislativos sobre o tema. Para ele, a frieza do método e do discurso acadêmico banaliza e distancia o objeto, ocultando sua face. Assim, propõe uma compreensão da temática com base na fala dos que estão dentro do complexo mundo do sexo negociado, recuperando suas vivências e sensações, perdidas em outros tipos de análise. Entre os mais de setenta relatos colhidos por Sebe, foram selecionadas cinco histórias, que o autor considera as mais peculiares,

*Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), Faculdade de Ciências e Letras, Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis-SP. E-mail: danilowferrari@yahoo.com.br

apesar das dificuldades em justificar a escolha. Estes relatos ocupam a maior parte das páginas do livro, garantindo fluência na leitura e aguçando a curiosidade do público. Cada capítulo é composto por uma das histórias de vida, iniciada por uma breve apresentação e encerrada por uma análise, em poucas páginas, feitas por Sebe.

Na introdução, com certo didatismo, o autor traça um percurso histórico da prostituição, desde a chamada Pré-História, até o Brasil Colonial, com o intuito de identificar reflexos do passado no presente. Neste ponto, é interessante notar que Sebe prefere o termo *projeção*, próprio do vocabulário psicanalítico, em vez de *permanência* ou *continuidade*, para averiguar estes reflexos. A escolha possivelmente está ligada à teoria jungiana, referenciada nas páginas iniciais. Apesar do esforço em relacionar passado e presente, as análises ao longo do livro recuperam muito pouco da introdução. Seja como for, o ponto de partida da obra é sempre o presente, e não o passado.

De saída, Sebe *fisga* o leitor com os números estarrecedores: cerca de 40 milhões de pessoas se prostituindo no mundo, das quais 75 mil são brasileiras e brasileiros no exterior. Inserida no conturbado mercado internacional, a prostituição está ligada ao trabalho forçado, ao tráfico de armas, órgãos humanos e drogas, constituindo-se no terceiro negócio mais rentável do mundo contemporâneo. As cinco histórias apresentadas entrelaçam-se nas limalhas da prostituição em escala global. Estes relatos, com suas particularidades, denotam situações em que estes indivíduos atingem alguns limites de sofrimento e degradação, ainda que tentem amenizá-los no nível do discurso.

Cleide, ou Leide, como é conhecida na Espanha, é a protagonista da primeira história. Ainda menina, foi estuprada pelo capataz da fazenda onde vivia com a família, em Minas Gerais. Como mecanismo de fuga, apoiou-se na companhia de uma velha curandeira da região, com quem aprendeu os “poderes” de cura das plantas e das orações. Já mais moça, fugiu para Belo Horizonte, onde começou a se prostituir, passando também pelo Rio de Janeiro, onde conheceu os meandros do mercado da prostituição. Leide tornou-se famosa por satisfazer homens mais velhos, e também respeitada e temida pela forte religiosidade e poderes de curandeira, aprendidos no interior de Minas. Não se vitimiza e se orgulha de suas escolhas.

Na segunda história, a maranhense Lindalva, da “cor do Brasil”, também se considera uma vitoriosa, pois deixou a infância pobre na periferia de São Luís, e hoje ajuda a família com as quatro casas de aluguel que possui no Brasil. Na Espanha, trabalha nas cidades mais conhecidas do mundo da prostituição. A jovem prostituta, de 24 anos, descobriu o sexo, ainda menina, com os garotos da comunidade onde morava. Começou a negociar a atividade ainda em São Luís. No Rio de Janeiro, profissionalizou-se, mas

também sofreu diversas agruras envolvendo-se com traficantes de drogas e cafetões que a exploraram, violentaram e a traficaram para o exterior.

A história mais angustiante é a de Miro. Homem humilde que trabalhava na terra, de *ameia*, com a família, no interior do Rio Grande do Norte, deixou a esposa, os dois filhos pequenos e o único bem, a bicicleta. Miro seguiu a promessa de poder comprar sua própria terra, com melhores ganhos, em trabalhos pesados, na Espanha. Enganado, após sua primeira longa viagem, foi coagido a prostituir-se em saunas masculinas. Espancado, humilhado e ameaçado por seus algozes, viu-se na necessidade de se drogar para dar conta de declinar de sua sexualidade e transar com homens. Viciado e com a vida destruída, não vê sentido em retornar ao Brasil.

O quarto relato é o de Margarida, prostituta mais velha que os demais, vivendo em Portugal, desde 1988. Violentada desde a infância pelo tio, carregou este trauma e o sentimento de culpa por toda a vida. Margarida tinha sonhos de tornar-se professora. Coursou magistério, iniciou a faculdade de Pedagogia e estagiou em uma escola para crianças com necessidades especiais. Já adulta, negociava o sexo com o tio, em troca do silêncio e de melhores condições para sua família e para si mesma. Prostituiu-se profissionalmente, abandonando a faculdade e o estágio, para dar conta das próprias despesas, e das necessidades financeiras de um de seus amantes, por quem se apaixonou.

A última história é a de Cristóvão Jorge, prostituto brasileiro em Nova Iorque. Ainda menino, sentia-se atraído por homens, geralmente mais velhos. O pastor de uma igreja que a mãe frequentava foi o primeiro a violá-lo. Mais tarde, já adolescente, transava por dinheiro com senhores de seu bairro. Fez carreira em São Paulo e no Rio, nas ruas, saunas e cinemas, tornando-se conhecido por “fazer coroas”. A doença da mãe e os problemas da família o teriam feito extorquir um dos amantes, cuja história teve um trágico fim. O trauma desta experiência o fez juntar forças e ir para os Estados Unidos.

Nos comentários destas histórias, José Carlos Sebe demonstra proximidade com os entrevistados: riu e chorou com as aventuras de Lindalva, jantou com Margarida, estremeceu com o relato de Miro, visitou pessoalmente os arredores da fazenda onde Leide passou a infância. Apesar da pessoalidade e da narrativa mais próxima do jornalismo e da literatura, como ele mesmo propõe, Sebe não dispensa determinados rigores científicos, apesar de criticá-los. Assim, faz escolhas teóricas, como Jung, Elias e Bauman, referenciados nas análises, além de outros protocolos acadêmicos.

Nas análises, a história de vida dos entrevistados cruza-se com dados estatísticos. O autor também analisa algumas questões de gênero, além de demarcar a diferença de alguns conceitos. O pequeno espaço dedicado às reflexões, contudo, limita o aprofundamento das questões. No caso de Leide e Lindalva, Sebe não explora a

glamourização do discurso que ambas mobilizam para amenizar os infortúnios nos quais se envolveram. Por outro lado, problematiza a prostituição feminina, muitas vezes associada à ideia de “mulher livre”, mas frequentemente submetida à mediação masculina, por meio da figura de cafetões e traficantes.

No caso de Margarida e Cristóvão Jorge, o autor propõe que a mudança para o exterior não estava ligada somente ao desejo de melhoria financeira, mas também à busca de uma nova chance, um lugar de conforto e alívio para os próprios conflitos. Tal percepção, de acordo com Sebe, se dissolveria nas análises estruturantes e estatísticas. O que se questiona, entretanto, é o caráter desta suposta segunda chance, visto que em alguns casos, a degradação e os infortúnios, sofridos aqui, persistem no exterior. Sobre o relato de Miro, o autor tentou diferenciar os conceitos de *escavidão* e *trabalhos forçados*, preferindo o segundo termo para estes casos, pois a ideia de *escravo* compreende a falta de liberdade de reação para reverter uma situação imposta.

Esta possibilidade de reagir é também destacada por Sebe a respeito do próprio ato de contar. O autor sugere o uso do testemunho oral como processo terapêutico de superação e *empoderamento*. Privilegiando a fala destes indivíduos, em detrimento das análises, Sebe permite que eles sejam os historiadores de si, resignificando sua história e reelaborando seus conflitos. Ao mesmo tempo, a obra tem um tom de denúncia e sensibilização. Preocupado em compartilhar sua experiência para ajudar outras vítimas do tráfico humano, Miro lembrou o distanciamento e a desumanização do universo em que vivem: “É um mundo separado do mundo real, *das pessoas*. É por isso que ninguém acredita como funciona a coisa: tudo é segredo guardado a chave e bala” (MEIHY, 2015, p. 138, grifos nossos).

Por fim, percebe-se que, em sua última obra, José Carlos Sebe se mantém alinhado com a prática da história oral dita “militante”. Nos limites desta resenha, é impossível concluir se o livro é ou não o mais importante na carreira do autor, conforme ele sugere na apresentação em vídeo. De toda forma, a obra inscreve sua importância na bibliografia a respeito do tema, com seus novos questionamentos e problemáticas, mas, sobretudo, resignificando e empoderando estes indivíduos. A maranhense Lindalva termina assim a sua fala: “Gostei de contar minha história [...]. Tomara que minha vida valha a pena para os outros... Sabe? Sou alegre, mas fiquei meio tristonha vendo minha vida toda, contada assim...” (MEIHY, 2015, p. 110).

Recebido em: 01/08/2016

Aprovado em: 07/11/2016

NOTAS

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-MmwxcPFuM>. Acesso em: 6 abr. 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEIHY, José Carlos Sebe B. *Prostituição à brasileira*. Cinco histórias. SP: Contexto, 2015, 237p.